

## O lirismo na primeira *Bucólica*, de Virgílio

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ e Seminário São José)

As *Bucólicas*, de Virgílio, têm características do gênero lírico, dramático e épico. Destarte, elas são híbridas. Neste labor, mostraremos o lirismo patente na primeira *bucólica* e a alusão política que muito influenciou o poeta mantuano na criação da *bucólica* que pretendemos analisar. Propomos, outrossim, registrar algumas características do bucolismo, como a presença da alusão ao campo e aos elementos da natureza, como o uso da invocação, do imperativo, o *locus amoenus* e a peroração. Também registramos o paralelismo sintático que faz parte do seu estilo.

Sabemos que Virgílio perdeu suas terras paternas. Mas, Asínio Polião, seu amigo e protetor, conseguiu obter para o poeta mantuano a revogação da expropriação, intercedendo talvez diretamente junto a Otaviano, conforme nos informa Paratore<sup>1</sup>.

O eco destes acontecimentos ressoa na primeira *bucólica* na qual o relato dos pastores mostra o triste destino de muitos homens que eram obrigados a sair de suas terras, em oposição à alegria dos que eram poupados, como era o caso do pastor Títiro. Na verdade, Virgílio quer insistir sobretudo na dor e na miséria dos deserdados, representados na figura do pastor Melibeu.

---

1. PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulgenkian, 1983, p. 379.

Na primeira bucólica, há um colóquio entre dois pastores: Melibeu e Títiro. Percebemos, na fala de Melibeu, alusões ao campo e aos elementos da natureza, seja ela bruta ou modificada pelo homem. Em um mesmo trecho, ele se refere a uma árvore (*sub tegmine patulae fagi* (v.1) = “sob a sombra de uma copada faia”), ao campo (*nos patriae finis et dulcia linquimus arua* (v.3) = “nós deixamos as fronteiras e os agradáveis campos da pátria”) e à flauta rústica, feita de caniço (*tenui auena* (v.2) = “na tênue flauta pastoril”). No discurso de Títiro, vemos algumas referências aos animais e ao sacrifício a um Deus. Vejamos estes versos iniciais:

### MELIBOEVS

Tityre , tu patulae recubans sub tegmine fagi  
 siluestrem tenui musam meditaris auena;  
 nos patriae finis et dulcia linquimus arua;  
 nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,  
 formosam resonare doces Amaryllida siluas. 5

### TITYRUS

O Meliboe, deus nobis haec otia fecit;  
 namque erit ille mihi semper deus; illius aram  
 saepe tener nostris ab ouilibus imbuet agnus.  
 Ille meas errare boues, ut cernis, et ipsum  
 ludere quae uellem calamo permisit agresti. 10  
 (I, 1 - 10)

### (MELIBEU

“Ó Títiro, tu , que estás deitado sob a sombra de uma copada faia compões um poema rústico na tênue flauta pastoril; nós deixamos as fronteiras da pátria e os agradáveis campos; nós fugimos

da pátria; tu, ó Títiro, ocioso à sombra, ensinas as florestas a ecoar o nome da formosa Amarfílís.”

### **TÍTIRO**

“Ó Melibeu, um deus nos fez estas tranqüilidades; de fato, ele será sempre um deus para mim; um tenro cordeiro de nossos apriscos muitas vezes lhe ensangüentará o altar. Ele permitiu que as minhas vacas vagueassem à toa, como vês, e que eu próprio tocasse no cálamo agreste aquelas coisas que eu quisesse”.)

No cenário bucólico da poesia virgiliana, os elementos da natureza, como os animais, às vezes, estão descritos com subjetividade. É o que observamos na primeira bucólica da qual destacamos o fragmento a seguir em que há a presença desta intensa subjetividade e alusões aos elementos do campo, visto que Melibeu é obrigado a deixar as suas terras e seu rebanho que não está mais feliz, pois sente que seu querido pastor está prestes a retirar-se. Os novos donos são os ímpios soldados que se apossaram das terras tão estimadas de Melibeu e as repartem como espólios. Melibeu não sabe se um dia voltará. Vejamos, a seguir, os belíssimos versos 67-76:

En unquam patrios longo post tempore finis,  
pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
post aliquot, mea regna uidens, mirabor aristas?  
Impius haec tam culta noualia miles habebit?  
Barbarus has segetes? En quo discordia ciuis  
produxit miseros! His nos consequimur agros!  
Inserere nunc, Meliboeae, puros, pone ordine uitas!  
Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:  
non ego uos posthac, uiridi proiectus in antro,  
dumosa pendere procul de rupe uidebo;

(I, 67 - 76)

“Acaso, algum dia, depois de longo tempo, admirarei as terras pátrias e o teto da minha pobre choupana , coberto de colmo, e depois de alguns meses, vendo os meus reinos, contemplarei as minhas espigas? Um soldado ímpio possuirá estes campos tão cultivados? Um bárbaro terá estas terras semeadas? Eis para onde a discórdia conduziu os cidadãos infelizes! Nós semeamos os campos para esses! Enxerta, agora, Melibeu, as pereiras, põe, em ordem, as videiras! Ide, minhas cabras, feliz rebanho, outrora: daqui em diante, eu , estirado, num antro verdejante, não vos verei mais, ao longe, suspensas, sobre uma rocha cheia de silva-do”)

Títiro da primeira *bucólica* tem por papel manifestar, segundo Leclercq, seu vivo reconhecimento a Otávio por suas *libertas*, direito novamente adquirido.

Melibeu nos surpreende porque mesmo exilado e condenado a morrer pelas estradas ou nas ruas de Roma, acometido de uma de suas maiores infelicidades, quase não se queixa. Ao contrário, Melibeu não cessa de se extasiar com a felicidade de Títiro. A atitude de Melibeu supõe um dom excepcional de desprendimento, de simpatia e de generosidade; apesar de seu sofrimento, Melibeu se deixa tomar pela felicidade do outro, sem a menor inveja, sem quase amargura. Melibeu, pastor despojado, encontra em si mesmo bastante ânimo para esquecer seu sofrimento na alegria de seu companheiro e na contemplação da natureza. É assim que Melibeu dá à obra inteira seu caráter espiritual.

A natureza de Virgílio reflete a vida tranqüila e feliz dos pastores, entretidos na exaltação do seus amores, das suas aventuras, das suas tarefas e dos seus deuses. O gosto pelo poema campestre, em

Virgílio, deixa transparecer o apego que o romano tinha pela natureza. Pois seus ancestrais pertenciam a uma sociedade rural, como sabemos. Não nos esqueçamos de que ele possuiu informações sobre o campo, sobre as flores, em suma, sobre a natureza, não só porque a ascendência de sua família é rural, como também, por ter adquirido outros conhecimentos pelas múltiplas leituras que fez.

O pastor vive no campo, ao ar livre e é apaixonado pela natureza. Para Virgílio, as estações prediletas eram a primavera e o verão, pois transmitem alegria e vida em abundância. Nas *Bucólicas*, encontramos várias passagens que falam dos elementos da natureza:

Et nunc omnis ager, nunc omnis parturit arbos,  
nunc frondent silvae, nunc formosissimus annus.

(III, 56-7)

(“E agora todo campo, agora toda árvore abrolha, agora os bosques se cobrem de folhas, agora o ano está lindíssimo.”)

A natureza era extremamente valorizada por Virgílio. O cenário que ele constrói é simples, havendo a presença de pinheiros, olmos, faias, (...).

A invocação à natureza também aparece como podemos ver nesta passagem que vem a seguir:

Partem aliquam, uenti, diuom referatis ad auris!

(III, 73)

“Ó ventos, que vós leveis alguma parte aos ouvidos dos deuses!”)

Não nos esqueçamos da presença da sombra. É comum encontrarmos pastores sob as árvores, descansando, conversando, tocando lira e sentindo o frescor das sombras:

Forte sub arguta consederat ilice Daphnis,  
Compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum;  
(VII, 1-2)

“Casualmente, Dáfnis assentara-se sob uma sonora azinheira, e Coridão e Tírsis reuniram os seus rebanhos num único lugar;”)

Como vemos em alguns poemas de Virgílio, os últimos versos se referem ao pôr do sol: é a peroração. Isto acontece quando o discurso do pastor termina subitamente e a natureza começa a descansar na paz. Leiamos a passagem abaixo:

et iam summa procul uillarum culmina fumant,  
maioresque cadunt altis de montibus umbrae.  
(I, 82-3)

“e já , ao longe, fumegam os mais elevados tetos das casas de campo e dos altos montes caem as sombras alongadas.”)

Vale a pena citar uma passagem na qual Cecília Lopes de Albuquerque Araújo nos fala sobre a natureza e o *locus amoenus*:

“(…) em toda a poesia da Antigüidade, a natureza é habitada por divindades ou mortais. As ninfas vivem em sítios, onde os homens também gostam de estabelecer-se. O indispensável é a sombra, uma árvore, um bosque, uma fonte borbulhante, o frescor de um regato, a maciez da relva ou o refúgio de uma gruta. Assim, dos poemas bucólicos, muitos exemplos podem ser tirados, pois neles a natureza constitui o *locus amoenus*. Fazem a descrição de um ambiente agradável, de um cenário pastoril, onde o poeta cita o nome de muitas espécies de flores, algumas árvores, frutos ou das divindades que nela habitam.”

Lembramo-nos de uma passagem na primeira *bucólica* na qual se vê o paralelismo sintático. Este se estrutura não só pela sua simétrica forma, como também, pela presença dos verbos *erant* e *solebam* que servem para várias orações. O trecho escolhido é uma comparação na qual existe o paralelismo. Títyro coteja a cidade de Roma com o campo e os animais adultos com os seus filhotes:

### **TITYRVS**

Vrbem quam dicunt Romam, Meliboee, putai  
stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus  
pastores ouium teneros depellere fetus.  
Sic canibus catulos similis, sic matribus haedos  
noram, sic paruis componere magna solebam.

(I, 19 - 23)

### **(“TÍTIRO**

Eu, estúpido, julguei a cidade a que chamam Roma, ó Melibeu, símile a esta nossa, para onde, muitas vezes, nós, pastores, costumamos levar as tenras crias das ovelhas. Assim, eu sabia que os cachorrinhos eram semelhantes aos cães, assim eu sabia que

os cabritos eram semelhantes às mães, assim eu costumava comparar as coisas grandes às pequenas.”)

O imperativo, nas *Bucólicas*, é muito freqüente mormente na fala dos pastores. Destacamos o discurso de Melibeu, na primeira *bucólica*, que diz para si próprio que deve agir, pois o seu tempo de exílio está próximo. Depois, Melibeu ordena às suas cabras a pastar; é curioso observar que até as cabras já não estão felizes, visto que sabem da saída de seu guia. A passagem a seguir que destacaremos é belíssima e plena de lirismo e subjetividade:

### **MELIBOEVS**

Inserere nunc, Meliboee, pios, pone ordine uitis!  
Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:  
non ego uos posthac, uiridi proiectus in antro,

dumosa pendere procul de rupe uidebo;  
carmina nulla canam; non, me pascente, capellae,  
florentem cytisum et salices carpetis amaras.

(I, 73-8)

### **(“Melibeu**

Enxerta , agora, ó Melibeu, as pereiras, põe, em ordem, as videiras! Ide, ó minhas cabras, ide feliz rebanho, outrora: daqui em diante, eu , deitado, num antro verdejante, não vos verei mais, ao longe, suspensas, sobre uma rocha cheia de silvado. Nenhum poema cantarei; estando eu apascentando, vós não arrancareis, ó cabras, o codesso, que floresce e os amargos salgueiros.”)



Concluimos o nosso trabalho afirmando que uma das principais características da poesia virgiliana é **a sensibilidade**. Ele soube traduzir em palavras, com simplicidade e arte os sons, os movimentos, o ritmo e a musicalidade em seus poemas.

## **Referências Bibliográficas:**

ARAÚJO, Cecília Lopes de Albuquerque. A Poesia Bucólica em Nemesiano. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ARISTÓTELES. Arte Poética e Arte Retórica. Rio de Janeiro: Ediouro, [198-?].

BAYET, Jean. Littérature latine. Paris: Armand Colin, 1965.

BELLESSERT, André. Virgilio su obra y su tiempo. Madrid: Tecnos, S.A., 1965.

BRANDÃO, Junito de Souza. Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Vergílio. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

BRISSON, Jean-Paul. Virgile son temps et le nôtre. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Literatura Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARVALHO JÚNIOR, Antonio Augusto de. A Expressão Poética Dialeto de Teócrito em As Siracusanas. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ. 1990.

CHANTRAINE, Pierre. Dictionnaire étymologique de la langue grecque, [s.d.].

CONTE, Gian Conte. Virgilio Il genere e i suoi confini. Milano: Garzanti Editore, 1984.

CROISSET, Alfred. Histoire de la Littérature Grecque. Paris: Ancienne Librairie Thorin et Fils. Albert Fontemoing Éditeur. 1899.

FARIA, Ruth Junqueira de. Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

GUILLEMIN, A.M. Virgilio poeta, artista, y pensador. Buenos Aires: Biblioteca de Cultura Clásica, Paidós, 1968.

LECLERCQ, R. Les principes de la poetique virgilienne. Révue des études latines. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres".

LESKY, Albin. História de La Literatura Griega. Versión española de José Maria Díaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Gredos.

LOUPIAC, Annie. Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation. Révue des études latines. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1993.

PARATORE, Ettore. História da Literatura Latina. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulgenkian, 1983.

PERRET, Jacques. Virgile. Bourges: "Ecrivains de Toujours" aux éditions du seuil, 1959.

SERRIS, Jacqueline Fabre. Jeux de modèles dans L'alexandrinisme Romain: Les Hommages à Gallus dans la Bucolique X et L'Élegie I, 20 de Propertius et ses échos Ovidiens. Révue des études latines. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1996, p.125.